

Roberto Lis
24/10/94

Um programa de Roberto Lis)

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

SPEAKER: - (Faz a apresentação do Teátro de acôrdo com a fórmula enviada pela Pantaco). (Ao terminar a apresentação sôbe a característica).

SPEAKER: - Antes de iniciarmos "XXX Presente de Natal" Roberto Lis dirigirá algumas palavras aos seus ouvintes. Ao microfone, pois, Roberto Lis.

(Entra a característica de "Noite de Paz", forte ao principio e depois fazendo fundo para as palavras que seguem):

ROBERTO: - Presados ouvintes - muito bôa noite. Antes de dar início ao programa de hoje preciso esclarecer que o argumento de "Presente de Natal" não me pertence. Ha dez anos atraz, quando iniciei a minha vida radiofônica fazendo pequenos sketches em companhia de Carmen de Alencar, uma ocasião, ao aproximar-se o Natal, a senhora Joaquina Reis, que então fazia nesta Emissora uns apreciadissimos programas para as donas de casa, trouxe-me um pequeno conto que ela encontrára numa revista inglesa ou americana e que traduzira para o portuguez. Pelo assunto, que muito lhe agradára, pensára ela em que eu poderia transformá-lo num bonito sketch de Natal, o que realmente fiz e apresentei. O assunto, a meu ver, era tão interessante que mesmo através dos anos todos que passaram, não mais esqueci e hoje venho apresentá-lo novamente, desta vez na feição mais ampla de uma peça radiofônica com cenas e personagens que para tal se faziam necessários e que eu acrescentei. Ai está, pois, a explicação que desejava dar aos ouvintes e aproveitando a oportunidade de me encontrar ao microfone da PRF 9, aqui deixo consignados os meus votos de feliz Natal à Radio Difusora e aos seus dirigentes, à Pantaco S.A. na figura dos seus dignissimos Diretores, aos queridos ouvintes e suas respectivas familias, aos presados colegas desta casa e muito/ especialmente aqueles que fazem parte do meu conjunto e que emprestam aos meus programas o brilho da sua inteligencia.

(Sôbe, por momentos, "Noite Paz", baixando depois, aos poucos, para fazer fundo às palavras do Speaker).

SPEAKER: - "PRESENTE DE NATAL" tem a seguinte distribuição:

- | | |
|------------------|-------------------|
| Luiza..... | Conceição Pereira |
| Adelia..... | Lilia Maria |
| Ewaldo..... | Roberto Lis |
| Antonieta..... | Lia Nazareth |
| Fabricio..... | Vitor Morê |
| Sandra..... | Nina Rosa |
| Gonçalo..... | Mario Hornes |
| Um caixeiro..... | Aurelio Marques |

(Sôbe a característica por alguns momentos)

- | | |
|-----------------------------|--------------|
| Encarregado do estúdio..... | Emilio Bello |
| Sonofonia de..... | Élio Machado |

(Sôbe a característica por momentos, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer).

Adelia - Que milagre, Luiza, tu em minha casa a esta hora?!

Luiza - É verdade. Entraste mal a semana, hein? Na segunda feira, logo de manhã cedo, já recebes a minha visita...

Adelia - E por isso achas que entrei mal a semana? Devias dizer que entrei muito bem. Tu bem sabes o prazer que me causas sempre.

Luiza - É muito delicada, muito amável esta minha amiga. Também, não me esqueço de ti um instante e quando não podes nos acompanhar, como ontem, logo que chego já estou aflita para te procurar e contar tudo o que nos sucedeu.

Adelia - E eu aflita para saber, desejando que me aparecesses. Que tal esteve o pic nic?

Luiza - Ótimo! Formidável!... Nem queiras saber o quanto nos divertimos! Só faltavas tu.

Adelia - Muita coisa boa?

Luiza - Meu Deus, uma coisa maluca!... Eu comi tanto, tanto, que acho que engordei uns dois kilos.

Adelia - (rindo) Óra, Luiza, deixa de ser exagerada.

Luiza - Palavra, Adelia.

Adelia - Quem é que pôde engordar dois kilos num dia só?

Luiza - Comi pasteis, croquetes, galinha assada, sandwiches de pão com carne fria bolinhos de peixe, bananas, maçãs, doces. Era um verdadeiro saco sem fundo. Quanto mais me ofereciam mais eu metia para dentro. Quando chegou a hora de vár embóra eu estava assim: estufada!... O dia estava maravilhoso. Tocamos vitrola, dansamos, pintamos o sete.

Adelia - E a que horas voltaram?

Luiza - Bem à tardinha. Quando o sol já estava quasi se escondendo. Foi uma pena vocês não terem ido. Quando eu me lembrava eu sentia uma raiva do Ewaldo que nem sei.

Adelia - Coitado, não era possível, Luiza. Ele passou a tarde inteirinha em casa tirando faturas. Estava com o serviço muito atrasado e se continuasse assim o chefe podia reclamar.

Luiza - Óra o chefe e o serviço que vão para o inferno! Quando tocou a hora de divertir-se a gente deixa essas coisas de lado.

Adelia - Isso é bom de dizer mas para quem vive só do ordenado, como nós, não é possível fazer.

Luiza - Foi um dia tão bom e tão completo que voltamos todos com pesar para a cidade. Também já combinamos. Na semana santa todos encerram o expediente na quarta feira ~~auxxaxia~~ ao meio dia para reabrir segunda de manhã. Vamos todos passar esses dias na serra. E previno-te, desde já que vocês irão também. Não admitimos desculpas, por isso tratem de preparar-se desde já. Combinado?

Adelia - Não sei, Luiza. Bem sabes que por mim não haveria dúvidas. Eu adoro essas coisas mas não posso resolver nada sem falar com o Ewaldo. Se ele puder nós iremos.

Luiza - Não tem se puder nem não puder. Diz a ele que vocês estão intimados a nos acompanhar.

(CORTINA MUSICAL)

Ewaldo - Não, meu bem, você sabe que não é possível. O meu ordenado, infelizmente, não nos permite essas excentricidades.

Adelia - Bem sei, Ewaldo e se falei a você foi porque prometi a Luiza que falaria. Ela insistiu tanto para que nós fôssemos...

Ewaldo - Você bem vê que uma estadia de quatro dias na serra não se faz por menos de sessenta ou setenta cruzeiros o casal. Acrescente as despesas de passagem e qualquer outro extraordinário que possa aparecer e no fim a brincaadeira vai nos custar no mínimo quinhentos cruzeiros. É uma terça parte do meu ordenado. Você acha que com mil cruzeiros poderemos fazer, depois, as nossas despesas obrigatórias?

Adelia - Ah, não, que esperança!...

Ewaldo - Pois então você pôde ver que não é má vontade minha.

Adelia - Mas eu nem sequer pensei em semelhante coisa, meu querido. Apenas falei porque... você compreende, Ewaldo... você trabalha tanto... pensei que por você mesmo seria esplêndido um descanso assim.

Ewaldo - Sem dúvida, ótimo e agradável. Tanto mais que vai todo esse grupo de amigos nossos. Mas por mim não se preocupe porque felizmente sou bastante forte e o trabalho não me prejudica. Se lamento não poder aproveitar a oportunidade é unicamente por privar você de um passeio tão bom.

Adelia - Não, Ewaldo, por mim não. Realmente... confesso... eu gostaria muito... mas se não é possível não é possível, paciência.

Ewaldo - Há uma coisa que poderíamos fazer, se você tem muita vontade... Poderíamos vender o meu relógio de ouro...

Adelia - (interrompendo-o) Não, Ewaldo, que esperança! Vender o seu relógio para satisfação de um capricho, afinal? De forma nenhuma. Um relógio tão lindo!... Herança do seu avô. É uma joia de família que você deve guardar.

Ewaldo - Bem sei e creia que o venderia com grande pesar. Seria mesmo um sacrifício, mas como você merece tudo de mim...

Adelia - Obrigada meu amor. Muito obrigada! Agradeço muito mas não posso aceitar. O seu relógio eu só consentiria que você se desfizesse dele em caso de absoluta necessidade. Dê-me um beijo e um abraço e não se fala mais nisso.

(CORTINA MUSICAL)

Antonieta - Não é possível, Adelia, você precisa fazer uma vida mais social, mais abgre. Vive encerrada dentro da sua casa, só cuidando do almoço do marido, do jantar do marido, das roupas do marido, que diabol... Uma mulher moça e moderna não se escraviza dessa forma ao marido

Luiza - Bem, isso é uma mulher moça e moderna mas Adélia depois que casou tornou-se velha e antiga com todos os seus vinte e três anos. Tu não podes imaginar como eu suei o topete para conseguir que ela viesse hoje comigo à tua casa. Foi uma luta incrível e assim mesmo tivemos que passar no escritório do seu Gonçalo para avisar o maridinho que ela sair mas que antes das seis estaria em casa para recebê-lo.

Antonieta - Isso é ridículo, francamente. Você devia ter feito como eu fiz com o Fabricio logo no começo. Saía quando bem me apetecia, voltava à hora que me dava na veneta e por muito favor dizia onde tinha estado. Em menos de quinze dias ele estava acostumado e hoje eu faço o que quero.

Luiza - Ah tem que ser assim mesmo, do contrário eles se tornam tão exigentes que ninguém tolera.

Adélia - Mas vocês estão muito enganadas com o Ewaldo, coitado. Ele não é nem um pouquinho exigente.

Antonieta - Então tu é que és uma grande tóla.

Luiza - Óra ele não é nem um pouquinho exigente! Pois se tu te viras do avesso o que mais ele pôde exigir?

- Adelia - Não, Luiza, tu estás enganada. Viro-me do avesso por que? Faço apenas aquilo que me parece ser o meu dever de esposa.
- Antonieta- Estás muito atrasada, muito antiga, minha grande bobalhona. Que dever de esposa nem dever de esposa. Esses deveres a esposa tinha no tempo em que se amarrava cachorro com linguça. Hoje é muito diferente.
- Luiza - Parece mentira que nos tempos de hoje ainda existam criaturas que pensam como você, Adelia.
- Antonieta- E o que eu mais me admiro é como ela se conforma depressa com as coisas. O marido diz que não pôde ir e pronto. Ela não insiste, não bate o pé, não exige e nemse desespera.
- Adelia - Mas é claro. O que me adeantaria tudo isto? Só serviria para me mortificar.
- Luiza - Ah não, minha filha, isso é que não. Se tu insistisses e batesses o pé ele acabaria cedendo. (Passos que se aproximam)
- Antonieta- Sim, porque eu vou te dizer uma coisa: marido a gente tem que trazer de rêsca curta. E vamos mudar de assunto que o meu vem chegando aí.
- Fabricio - Olá, minha gente, muito boa tarde.
- Adélia - Boa tarde, Fabricio, como vai você?
- Fabricio - Muito bem, felizmente. Vejo que você vai também às mil maravilhas. Seu aspecto é ótimo. E a minha irreverente amiga Luiza como passou de ontem para cá?
- Luiza - Esplendidamente bem desde o momento em que o perdi de vista. (Risos)
- Fabricio - Eu não digo que ela é mesmo irreverente? E então? Muito animada com o projeto da nossa excursão à serra na semana santa?
- Antonieta- Ela não vai, a bobalhona.
- Fabricio - Mas não é possível. Isso é falta de camaradagem.
- Antonieta- Não é mesmo?
- Luiza - Ah mas ela não pôde. O marido tem que atender ao patrão e ela tem que atender ao marido. Se eu não pegava esse patrão e esse marido e não engavetava os dois!
- Fabricio - Ah mas não pôde ser. Assim não está certo. Eu vou falar com o Ewaldo e vou exigir a presença de vocês. Se o grupo não vai completo já a folia não é tão boa.
- Adelia - Mas eu lhe peço, Fabricio, que não fale nada ao Ewaldo. Ele não pôde mesmo. Se pudesse eu seria a primeira a exigir que ele fôsse. Não sou assim tão boba como vocês querem me fazer.
- Luiza - Não, tu não és assim tão boba. És muito mais.
- Fabricio - Você ainda não serviu nada às suas amigas, Antonieta?
- Antonieta- Ainda não. Estava esperando que você chegasse para mandar servir o chá.
- Fabricio - Pois muito bem, então vamos a ele.
- Luiza - É, vamos duas vezes porque sinão às cinco e meia ~~max~~ a esposa "modelo" tem que sair disparando para chegar em casa antes do marido.

(CORTINA MUSICAL)

- Sandra - Que milagre, dona Adelia, a senhora na minha casa. Nunca mais apareceu. Eu cheguei a pensar que a senhora tivesse arranjado outra cabelereira.

- Adelia - Não, Madame Sandra, absolutamente. É que não vou a parte alguma e para andar em casa eu mesma me penteio. Faço estes côques de trança que o meu marido acha que vão muito bem na minha fisionomia.
- Sandra - Para andar em casa, realmente, eles não vão mal. Mas para sair devia cuidar um pouco mais. A senhora tem uns cabelos tão lindos!
- Adelia - Mas eu muito pouco saio, Madame Sandra. E quando isto acontece é sempre correndo, sempre com o sentido de voltar para casa em tempo de atender às minhas obrigações.
- Sandra - E que milagre foi esse hoje?
- Adelia - Fui fazer uma compra de muita necessidade e como ~~necessitava~~ ^{precisava} de dar uma palavrinha à Luiza lembrei-me que ela talvez estivesse aqui.
- Sandra - Ainda não apareceu. Se quer esperar sente-se um pouco. Ela sempre vem um pouco mais tarde.
- Adelia - Não sei... tenho receio que ela demore e neste caso não poderei esperar.
- Sandra - A proposito, dona Adelia, olhando para o seu cabelo agora eu me lembrei. A senhora não quereria cortá-lo e vender as suas tranças?
- Adelia - Por que?
- Sandra - Porque eu tenho uma fregueza - a filha da viuva Sales - que teve uma enfermidade no couro cabeludo e perdeu uma quantidade enorme de cabelo. Ela agora anda desesperada à procura de um cabelo que se assemelhe ao dela para fazer uma cabeleira postiza. Tem me dado um trabalho que a senhora nem imagina. Já tingi nem sei quantas ~~mechas~~ méchas para ver se consigo o tom que ela deseja mas até agora ainda não obtive resultado. E o cabelo dela é louro como o seu e ~~em~~ em essa mesma tonalidade que aliás é muito rara. Se a senhora quizesse cortá-lo eu tenho a certeza de que ela pagaria bom dinheiro pelas suas tranças.
- Adelia - Quanto mais ou menos? A senhora não tem uma ideia?
- Sandra - Ela me autorizou a oferecer até ~~xx~~ mil e quinhentos cruzeiros por um par de tranças desde que elas fôsem pelo menos bem semelhantes à cor dos ~~se~~ se us cabelos.
- Adelia - Mil e quinhentos cruzeiros?
- Sandra - É verdade. Não quer aproveitar?
- Adelia - Não sei... eu gostaria, sim, mas... não sei o que pensaria o Ewaldo. Ele gosta tanto do meu cabelo...
- Sandra - Mas a senhora não vai ficar sem ele. Certaria justamente o que está de mais na senhora. Para o feitiço do seu rosto o cabelo à coráanha iria santar muitissimo. Aproveite, dona Adelia. Olhe que vender duas tranças por mil e quinhentos cruzeiros... tivesse-as eu que nem esperava segunda proposta.
- Adelia - Vamos a ver. Eu vou conversar com o Ewaldo hoje de noite e amanhã, conforme o que ele disser eu voltarei aqui.
- Sandra - Perfeitamente, dona Adelia. E aqui continuamos sempre às suas ordens.
- (CORTINA MUSICAL)
- Adelia - Querido... eu queria fazer-te uma consulta, mas...
- Ewaldo - Fala. Pareces indecisa. Por que?
- Adelia - Não, nada. É talvez uma tolice da minha parte. Sinto receio de descontentar-te com a proposta que te vou fazer.
- Ewaldo - Óra essa, receio por que? Então não tens bastante franqueza comigo?

- Adélia - Sim, tenho, mas... é que é uma tolice tão grande... uma futilidade minha, talvez e tenho receio de que me mostrando fútil assim aos teus olhos possa vir a desmerecer do conceito em que me tens.
- Ewaldo - Nada disto, tolinha. Justamente porque tens sido para mim uma mulher excepcional não me cabe o direito de negar-te um capricho. Vamos, fala.
- Adélia - É que... eu tinha vontade, Ewaldo, de cortar o meu cabelo. Acho que o cabelo curto ficaria muito bem em mim além de que seria muito mais cômodo de arrumar todos os dias.
- Ewaldo - Cortar o teu cabelo, Adélia?!... O teu cabelo tão lindo!... Essas ricas e sedosas tranças que são - por assim dizer - a moldura dourada da tua beleza?
- Adélia - Bem, Ewaldo, eu... eu apenas tive vontade de cortá-las. Não quis fazer nada sem ouvir antes a tua opinião... Basta, porém, que sejas contrário à minha ideia para que eu desista dela imediatamente. Não desejo de fôr ma alguma desgostar-te.
- Ewaldo - Não, minha querida. Deixa o teu cabelo assim como está. Se cortasses as tuas tranças eu tenho a certeza de que iria sentir muitas saudades delas!... Sabes que nunca vi outras que se comparassem às tuas? Confesso-te que tenho orgulho da beleza delas.
- Adélia - Está bem, Ewaldo, não se fala mais nisto. Foi realmente uma tolice minha pensar em sacrificá-las. 20m.
- Ewaldo - Bem, eu vou tomar o meu banho ~~maximamente~~ para tratar de jantar em seguida que tenho que voltar de noite ao escritório. (Passos que se afastam)
- Adélia - (depois que os passos se perdem) Reconheço que são em verdade bonitas as minhas tranças mas seria tão bom uma temporada na serra no grupo dos amigos que eu não teria o menor pesar de sacrificá-las!...

(CORTINA MUSICAL)

- Sandra - E então? Resolveu a cortar as suas tranças?
- Adélia - Não, Madame Sandra. Vim justamente dizer-lhe que resolvi não cortar.
- Sandra - Mas não me diga, dona Adélia!... A senhora vai ter a coragem de desprezar mil e quinhentos cruzeiros nos dias de hoje? Não faça isso. Lembra-se que daqui a cinco ou seis meses a senhora está novamente com as suas tranças. Os cabelos crescem depressa.
- Adélia - Não é possível, dona Sandra. Meu marido ficou transfigurado só com a ideia de me ver sem elas. Reconheço que seria um esplendido negócio para mim e confesso que tinha um desejo enorme de realizá-lo mas não desejo nem de longe entristecer o Ewaldo.
- Sandra - É uma pena! Se eu visse que o cabelo curto ficaria mal na senhora eu não seria capaz de insistir mas eu tenho a consciência absoluta de que lhe ficaria muito e muito bem. Digo-lhe mais: seria capaz de apostar com a senhora como nunca mais o seu marido consentiria em que a senhora deixasse crescê-lo.
- Adélia - Pois é, mas o que é que eu vou fazer? Ele não quer eu não tenho a coragem de contrariá-lo.
- Sandra - Bem... neste caso o que é que se vai fazer?
- Adélia - Amarra-se o burro à vontade do dono, não é isto?
- Sandra - Exatamente.
- Adélia - Pôde ser que mais tarde ele se resolva a deixar e nesse caso eu virei procurá-la.
- Sandra - Está muito bem. Aqui estamos sempre às suas ordens. Apareça de vem em quando.
- (CORTINA MUSICAL)

(Ruído de muitas vozes fazendo fundo para toda a cena. Duas badaladas fortes, para sinal de partida de um trem).

- Antonieta - Olha que o trem vai e nós ficamos, pessoal.
- Fabricio - Vai nada. É o primeiro sinal. Temos cinco minutos ainda. Dá de sobra para bater um bom papo.
- Antonieta - Era melhor que embarcassemos e esperassemos sentados no trem.
- Luiza - Não amôla, Antonieta, deixa de ser afobada. Lembra-te que depois ficaremos três horas sentados.
- Fabricio - A minha mulher sempre foi assim. Tudo para ela tem que ser feito com muita antecedência.
- Luiza - E como será que ela se conformou em esperar tanto tempo por você, Fabricio? Palavra que eu não sei.
- Antonieta - É porque eu era tôla, gostava dele, não tive outro remédio.
- ~~Luiza~~ Fabricio - É o seu marido, sempre atrasado? Vai ver que nem chegou.
- Luiza - Deixe de ser linguarudo, homenzinho. Está lá dentro do trem com a Bêta, o Alcides e a Nena. Comosco dá-se justamente o inverso. O apurado foi sempre ele.
- Antonieta - Luiza!... Olha quem vem lá!... Será que na última hora ela se resolveu a acompanhar-nos?
- Luiza - Hum! É muito forte pra ela. Apôsto como veio encomendar uma caixa de figada ou um pôte de melado porque o "maridinho gosta muito." Tivesse eu um marido egoísta e exquisito como o dela eu havia de dar-lhe ara bananas.
- Antonieta - (para longe) O que foi isso? Será que na última hora um raio de luz penetrou no seu cérebro?
- Adélia - (aproximando-se) A vizinha me disse que vocês tinham estado lá em casa para me dar um abraço e eu não quiz que fôsem sem lhes desejar boa viagem. (cansada) Boa tarde. (Os três respondem)
- Luiza - Onde é que andavas? Batemos que cansamos na tua porta.
- Adélia - Pois mal vocês saíram eu cheguei. Tinha ido ali bem pertinho no sapateiro buscar os sapatos do Ewaldo. Estava chovendo e eu receei que ele chegasse com os pés molhados...
- Luiza - Ai meu Deus!... O nenêzinho podia se resfriar. Sempre ridícula. Essa não tem mais concerto.
- Antonieta - Então não vais mesmo?
- Adélia - Infelizmente não posso, Antonieta.
- Luiza - Não podes o quê! Não vais porque tu não queres. Deixa de ser bôba.
- Adélia - Meu Deus, a Luiza está tão agressiva que eu não posso dizer nada.
- Luiza - Estou com raiva de ti.
- Adélia - Paciência, o que é que eu vou fazer? Eu vinha tão aflita que vocês nem imaginam. O bonde demorou um século. Eu já estava certa que não encontrava mais vocês.
- Fabricio - É quasi que não encontra mesmo. Já bateu o primeiro sinal e o segundo não deve demorar nada. Agora sim, podemos nos despadir e embarcar que só temos mais um minuto.
- Antonieta - Então até à volta, Adélia. Cuida bem do teu maridinho.

- Adélia - Obrigada. Divirtam-se bastante.
- Luiza - Adeus, bobalhona. Vai perder uma farrinha do outro mundo.
- Adélia - Em pensamento estarei lá com vocês todos. (Bate uma vez o sino forte e o trem apita) Um abraço ao teu marido.
- Fabricio - Até à volta, Adélia.
- Adélia - Até à volta, Fabricio. Divirtam-se bastante. (Sai o trem) (Para longe) Na volta apareçam logo lá em casa.
- Luiza - (de longe) Vou te mandar um retrato montada a cavalo em tamanho natural. (O trem vai se afastando aos poucos. Algumas vozes murmuram adeus e até à volta). (Um jornaleiro apregoa Jornais e revistas)
- Adélia - (quando o ruído do trem já vai longe) Que bom que seria, meu Deus!... (num suspiro) Ai, como é triste ser pobre quando se sente no coração o anseio de gosar a vida!...

(CORTINA MUSICAL)

ANÚNCIO

- Adélia - ^{27m} Estou tão contente de teres vindo mais cedo hoje, meu amor!... Só assim poderei gosar um pouco mais a tua companhia. A não ser que tenhas vindo mais cedo para voltar também mais cedo ao trabalho.
- Ewaldo - ^{Como estamos em vésperas de Natal,} Não, minha querida, hoje não vou trabalhar à noite. Fiz uma forçada grande, adiantei o que pude durante o dia para não ter necessidade de fazer serão e poder convidar-te para dar uma volta.
- Adélia - Ewaldo!... É verdade?!... Que bom!... Tu nem imaginas o desejo que eu tinha de andar à noite pela cidade para ver as vitrines. Dizem que estão lindíssimas iluminadas.
- Ewaldo - O comercio, a partir de hoje, ficará aberto até às dez horas da noite de maneiras que, com certeza, vai haver grande movimento nas ruas.
- Adélia - Ótimo. Apesar de não ser mais criança tu nem calculas o prazer com que me paro diante de uma vitrine de brinquedos. Fico verdadeiramente extasiada. E sabes do que me lembro? Do pesar que devem ter as crianças pobres de olhar para aquilo tudo sem a menor esperança de que algo lhes caia nas mãos. Deve ser bastante doloroso, não te parece querido?
- Ewaldo - Para as crianças não tanto, Adélia. Muito mais para os pais que não lhes podem comprar.
- Adélia - É por isso que eu não desejo filhos não quando lhes puder dar tudo aquilo que eles possam ter vontade.
- Ewaldo - Tens razão, sim, Adelia. Se aos grandes a quem se quer bem é doloroso ter-se que dizer não, muito mais o deve ser às crianças que não sabem refletir e que não compreendem ^(é uma força imperiosa das circunstâncias) ~~que a nada recusa, muitas vezes~~.
- Adélia - Se fazes referencia ao que me tens negado podes estar certo de que nunca me causaste pesar com as tuas recusas. Sei que me queres bem e que jamais me negarias alguma coisa que te fôsse possível fazer. E depois, tendo a ti, nada mais me seria lícito desejar.
- Ewaldo - És uma creaturinha encantadora! És um anjo de bondade, Adélia.
- Adélia - És tu o melhor marido do mundo, meu querido. Bem, vou tratar depressa do nosso jantarinho para sairmos em seguida e não voltarmos muito tarde. Tu precisas descansar e se nos deitarmos cedo dormiremos um pouco mais.

(CORTINA MUSICAL)

- Adélia - Dez horas, meu querido!... Quanto nós andamos sem nos aperceber!...
- Ewaldo - Estás cansada?

- Adelia - Nem um pouquinho. Seria capaz de andar outro tanto com a mesma disposição. É verdade que a maior parte do tempo estivemos parados diante das vitrines.
- Ewaldo - E de tudo o que viste o que mais te agradou? O que desejarias para o teu presente de Natal?
- Adelia - Se fôsses rico eu te pediria uma coisa que me deixou verdadeiramente deslumbrada.
- Ewaldo - O que foi?
- Adelia - Aquela jóia de travessas de tartaruga com encrustações de aguarzinhas. Também, mil e duzentos cruzeiros cada uma!... Mas eram lindas, não é verdade?
- Ewaldo - E como ficariam muito mais ainda nos teus preciosos cabelos!... E depois das travessas o que mais te agradou? Gostaria de comprar alguma coisa para dar-te de presente de Natal.
- Adelia - Não, meu querido, não quero. Não gostei de mais nada e como as travessas para mim estão como as estrelas, completamente distantes do alcance das minhas mãos, eu te pedirei apenas o teu mais carinhoso abraço e o teu beijo melhor.
- Ewaldo - Tu os terás, minha querida, muitos abraços e muitos beijos. Mas independente deles queria comprar-te uma pequena lembrança.
- Adelia - Já te disse que não. Sei que a tua situação é difícil e qualquer coisa que me desses seria um peso na minha consciência. Não quero nada mais do que já te pedi. Quem sabe se no Natal que vem ou daqui a dois anos ou mesmo três tu não estarás comprando para mim essas mesmas travessas? Suponhamos que estivéssemos em muito boa situação e que tu me comprasses esse presente o que escolherias depois para que eu te desse?
- Ewaldo - tu ainda não sabes?
- Adelia - Não posso saber. Vimos tantas coisas de que tu gostaste...
- Ewaldo - Pois bem, eu te pediria aquela chatelane de ouro para o meu relógio.
- Adelia - Qual delas? Vimos duas que tu gostaste.
- Ewaldo - A mais cara, justamente. Foi a que mais me agradou.
- Adelia - Ah, sim, sei. A de mil e quinhentos cruzeiros.
- Ewaldo - Exatamente.
- Adelia - Pois é, esperemos pacientemente. Há de chegar o dia em que poderemos trocar presentes de tal preço.
- Ewaldo - A esperança é sempre um grande bem que nos embala a vida.
- Adelia - Bem, meu querido, vamos tratar de dormir que já é bastante tarde e você precisa descansar. Vamos sonhar com a chatelane de ouro e as travessas de tartaruga. (Riem os dois).
- (CORFINA MUSICAL)
- Luiza - Ouve esta, Antonieta!... Ouve porque é fantástica! Tu vais cair pra tras.
- Antonieta - Meu Deus, o que é? Diz logo, Luiza.
- Luiza - O casal babão andou passeando de noite, vendo as vitrines!... Adélia passeando de noite, tu não achas uma coisa de embasbacar a gente? Passeando de noite, Antonieta, tu estás ouvindo bem?
- Antonieta - Claro que estou, eu não sou surda, graças a Deus. Também não vejo motivo para o barulho todo que tu estás fazendo.
- Adélia - (rindo) Bem feito. É isto mesmo, Antonieta.

- Luiza - Isso mesmo coisa nenhuma. Vou te dizer que é um caso de se publicar até nos jornais. Vocês passam o ano inteiro sem sair de casa à noite. E que bruta farra eles foram fazer, Antonieta. Olhar as vitrines. (ri) Essa minha amiga é de uma ingenuidade comovante!... Nunca vi coisa igual.
- Adélia - Se tu soubesses o prazer que é para mim olhar vitrines de brinquedos... Imagina que saímos de casa antes das oito, não fizemos outra coisa e voltamos às dez horas.
- Luiza - Foi uma verdadeira orgia que eles fizeram. Que dois bobalhões! Em vez de aproveitarem a noite num cinema ou num teatro e depois irem a uma confeitaria tomar chá, saem burguesamente a parar de vitrine em vitrine quando nem ao menos tem filhos para comprar brinquedos. Vocês são uns errados é • que vocês são.
- Antonieta- Deixa, Luiza, o que é que tu tens que te meter com a vida dos outros? Que coisa. Cada um como nasceu.
- Luiza - Mas a questão é que ela não nasceu assim. Quando era solteira bem que gostava de cinemas, de passeios, de confeitarias, de bailes, de festas. Até paradas eu me lembro que nós não perdíamos. A minha mãe até mexia conosco, dizia que nós parecíamos china de soldado que não podíamos ouvir corneta ou tambor que já saíamos disparando pra esquina. E era mesmo.
- Antonieta- Pois é, mas agora ela casou, o marido não gosta de nada disto ela se adaptou ao temperamento dele. Eu, por exemplo, já não procedi assim. Fiz valer a minha vontade mas a questão é que cada um faz como entende. Naturalmente ela acha que ele vale mais do que tudo isto.
- Adélia - Ah vale. Só pelo carinho com que me trata vale muito mais até.
- Luiza - Pois é, mas se tu fizesses uma rifa do teu marido entre as tuas amigas tu não achavas uma só que te ficasse com um bilhete.
- Adélia - Isso não importa, eu não pretendo rifá-lo. Bem, mas deixemos a minha vida de parte e conversemos sobre outras coisas. Antes alcança a tua chicara, Antonieta, para eu te botar um pouco mais de chá.
- Antonieta- Não, obrigada. Eu estou satisfeita. Não costumo tomar mais que uma.
- Adélia - E tu, Luiza?
- Luiza - Não, chega. Pensas que eu tenho estômago de borracha? Tomei duas.
- Adélia - O que é que vocês tem feito de bom?
- Antonieta- Eu tenho andado por essas ruas como uma danada. hoje então caminhei a manhã toda e uma parte da tarde à procura do presente de Natal para o meu marido.
- Adélia - Ele é tão exigente assim? Não parece.
- Antonieta- Nada disto, a questão é que eu tenho que escolher uma coisa muito alinhada para ter o direito de escolher outra que também seja.
- Luiza - E afinal resolveste alguma coisa?
- Antonieta- Em definitivo não. Deixei mais ou menos separada uma cigarreira de prata com um escudo de ouro para botar o monograma e umas abotoaduras de platina com brilhantes pequenos.
- Luiza - Eu também separei para o meu uma pérola para a gravata mas ainda não me decidi totalmente porque vi uma caneta automática que me fez crescer os olhos. Achei-a alinhadíssima. Estou numa indecisão daquelas.
- Antonieta- E tu adelia, o que escolheste para o Ewaldo?
- Adélia - Não sei ainda, Antonieta. Amanhã de manhã é que vou procurar.

- Luiza - Se quizeres poderei ir contigo para te ajudar a escolher.
- Adélia - Não, Luiza, obrigada. Eu não sei ainda a que horas poderei ir e para marcar contigo eu depois fico presa ao compromisso e posso me atrapalhar. Agradeço muito a tua boa vontade mas não quero dar-te esse trabalho.
- Luiza - Trabalho nenhum. Se eu me ofereço é porque sinto prazer, óra esta.
- Adélia - Eu sei mas não é justo que eu te prenda uma manhã inteira quando eu sei que tu também tens as tuas compras a fazer.
- Luiza - Não é nada disto, é que tu queres depois vir correndo para a casa e sabes que eu não te aguento. Então é melhor que tu vás sózinha mesmo.
- Antonieta - Sabem o que eu acho que vou pedir ao Fabricio? Uns clips de brilhantes maravilhosos!... Gostei muito também de uma pulseira de ouro mas acho os clips de muito maior efeito.
- Luiza - Eu escolhi um par de candelabros de prata portuguesa, três cortes de sãda, um de linho para um costume, uma bolsa de crocodilo e uma salva de prata.
- Antonieta - E ele te aguenta com tanta coisa?
- Luiza - Óra que remédio! Tem que aguentar. Pra que casou?
- Antonieta - E tu, Adélia, escolheste alguma coisa?
- Adélia - Ainda não. Acho mesmo que não escolherei. Gosto muito mais quando é surpresa. Vou deixar que o Ewaldo mesmo escolha.
- Luiza - Então estás perdida, minha filha. Um lençinho ou um par de meias. Escolhe, não sejas tãla. Pêde uma jóia bonita. Tu não tens nada.
- Adélia - Não tenho nada por que não quero, Luiza, Ewaldo sempre insiste em que eu compre jóias para mim.
- Luiza - E então por que não compras?
- Adélia - Porque não ligo. Acho que é um dinheiro mal empregado.
- Luiza - Então é agora que tu pensas assim porque em solteira bem que tu gostavas e usavas.
- Adélia - Ah, pois é, mas a gente muda.
- Luiza - E onde estão as jóias que tu tinhas?
- Adélia - Guardadas.
- Luiza - Vai buscar. Quem sabe dão para se fazer uma reforma nelas?
- Adélia - Eu... eu nem sei onde é que botei... espera aí, deixa ver se eu me lembro... ah, sim, é verdade. Elas não estão em casa. Pedi ao Ewaldo que as guardasse no cofre do escritório. Estão lá com ele. (Batem seis badaladas espaçadas)
- Luiza - Antonieta, seis horasi... Depressa, levanta, vamos dar o fóra o quanto antes que o rico do maridinho não demora e ela tem que tratar do jantarzinho do queridinho. Vamos, vamos depressa. Tchau, Adelia, tchau. Vamos depressa antes que ela vire as vassouras. (Riem as três)

(CORTINA MUSICAL)

- Fabricio - Olá, grande Ewaldo!... Que milagre você na rua a uma hora destas!... Então, como vai essa bizzarria?
- Ewaldo - Trabalhando sempre amigo Fabricio, e você?
- Fabricio - Eu às voltas com os presentes de Natal que a mulher me pediu.

- Ewaldo - Pois eu também saí para pagar umas compras que o chefe fez. Estamos com um empregado doente e outro em gozo de férias eu não tive quem viesse fazer isto. Mas que movimento nas lojas, que coisa fantástica! E depois ainda falam em crise.
- Fabricio - Qual crise qual nada. Você ainda acredita nisto? Para certas coisas há sempre dinheiro.
- Ewaldo - Mas então como vai essa força?
- Fabricio - Ah eu vou sempre bem, felizmente.
- Ewaldo - Já comprou todas as encomendas da patrão?
- Fabricio - Algumas. É uma lista tão grande que eu estou nesta brincadeira desde as duas horas da tarde. Diz ela que tinha escolhido apenas um presente mas que a Luiza vai ganhar diversos e que ela não quer ficar atrás. Coisas de mulher você sabe. E o marido que aguento com as consequências desses pequenos caprichos. Agora mesmo por uns clips de brilhantes deixei na joalheria nove mil cruziêras.
- Ewaldo - É... é um caso sério.
- Fabricio - E depois ainda vem o dia trinte e um e depois o aniversário de casamento e mais adiante a páscoa... é um nunca acabar. Você deve saber bem como essas coisas são. Eu sei que cada uma dessas datas é um desfalque de quinze a vinte mil cruzeiros no bolso da gente. E quem lucra são os comerciantes. Como é, e vocês não resolveram nada a respeito da ceia de Natal ~~de~~ no Club?
- Ewaldo - Acho que não poderemos ir, Fabricio. Como disse a você nós estamos com falta de dois empregados e o serviço está todo nas minhas mãos.
- Fabricio - Mas homem, até no dia de Natal? Isso assim não é possível. Você precisa dar um jeito na sua vida.
- Ewaldo - O que é que se vai fazer? Não posso largar o homem sózinho. Tenho que ajudá-lo.
- Fabricio - Mas todos os anos é a mesma coisa, Ewaldo. Você precisa se libertar dessa escravatura.
- Ewaldo - Agora, depois que as coisas se normalizem, eu vou tomar uma providencia.
- Fabricio - Já comprou o presente da Adélia?
- Ewaldo - Ainda não. Antes do jantar é que eu volto a dar giro pelas lojas para escolher alguma coisa.
- Fabricio - É, não se pôde deixar. As mulheres não perdoam de se deixar passar uma data destas sem um bonito presente. Bem, Ewaldo eu ainda tenho umas duas ou três compras para encerrar a lista que a Antonieta me deu. Um b abraço a você, outro a Adelia e um feliz Natal para ambos.
- Ewaldo - Obrigado Fabricio. Um feliz Natal a vocês também.

(CORTINA MUSICAL)

ANÚNCIO - C.M. 43-

- Ewaldo - Dá licença senhor Gonçalo?
- Gonçalo - (afastado e seco) Pôde entrar. (Passos que vão sempre à mesma altura)
- Ewaldo - Aqui estão os recibos dos pagamentos que o senhor mandou fazer.
- Gonçalo - Pôde deixar aí.
- Ewaldo - Senhor Gonçalo, eu... eu desejava falar um instante com o senhor...
- Gonçalo - O que é que quer?

- Ewaldo - É que...eu desejava falar com o senhor, porque...
- Gonçalo - (impaciente) Diga logo o que quer, rapaz. Eu não posso perder tempo.
- Ewaldo - É que... hoje é véspera de Natal e eu... eu desejava comprar um presente para a minha esposa...
- Gonçalo - Já sei. Quer sair mais cedo, não é isto? Por que não aproveitou que já andou lá pelo centro e não escolheu o presente da sua mulher?
- Ewaldo - Eu não comprei justamente porque... como eu estava completamente desprevenido...
- Gonçalo - Ah, bem!... Então é dinheiro que você quer? Quanto? Cincoenta cruzâiros? Cem?
- Ewaldo - Não, seu Gonçalo. Eu... eu desejava que o senhor me adiantasse uma importância maior e depois me descontasse mensalmente como costumamos fazer.
- Gonçalo - O que é que você entende por importância maior? Diga logo, homem, acabe com esse negocio.
- Ewaldo - Eu precisava justamente... dois mil e quatrocentos cruzeiros, seu Gonçalo.
- Gonçalo - Dois mil e quatrocentos cruzeiros? Mas você está doido, homem? Você vai comprar um presente para a sua mulher de dois mil e quatrocentos cruzeiros? Olhe que eu não gastei a metade em todas as compras que fiz para a família inteira. E depois, seu Ewaldo, a verdade é a seguinte: você já está com um débito na Caixa de quase outro tanto. Eu lhe descontando cem ou cento e cinquenta cruzeiros por mês quando é que o senhor vai me saldar esse débito? Não, não, nada disto. Tire essa ideia da sua cabeça. Se quiser cem ou cento e cinquenta ou até mesmo duzentos cruzeiros eu posso lhe emprestar. Mais não. Nem um centavo.
- Ewaldo - Está bem, seu Gonçalo, desculpe então. (Alguns passos)
- Gonçalo - Quer os duzentos cruzeiros?
- Ewaldo - (afastado) Não senhor, obrigado. (Passos que se afastam)
- Gonçalo - Óra veja!... Um gato pingado a querer dar presentes à mulher de dois mil e quatrocentos cruzeiros. Está louco. Quem não pôde não inventa móda. Compre um par de meias que custa sessenta ou setenta cruzeiros e ela que se dê por satisfeita. ~~xxxxxxx~~ Dois mil e quatrocentos cruzeiros!... A gente vê cada uma!...

(CORTINA MUSICAL)

- Sandra - Ih, dona Adelia, justamente hoje que a senhora me aparece para pentear-se? Eu estou etrapalhadinha. Só às oito é que lhe poderei atender. Antes não. Todo o mundo tem cea de natal, tem festa, tem isto, tem aquilo..
- Adélia - Não, não, Madame Sandra eu não vim aqui para pentear-me. Vim dizer-lhe que resolvi cortar as minhas tranças se a senhora ainda estiver disposta a dar por elas os mil e quinhentos cruzeiros que ofereceu.
- Sandra - Resolveu? Ah muito bem! Ih, a filha da Viuva Sales vai ficar quase louca de alegria quando eu lhe der a noticia. Imagine que ela estava desesperada porque queria ir a um grande baile no dia trinta e um e achava que não ia poder porque ainda não tinha conseguido encontrar um cabelo da cor do dela para ageitar um penteado que encobrisse as falhas que a doença lhe deixou.
- Adélia - Mas a senhora só poderá me atender às oito horas?
- Sandra - Não, não, neste caso dá-se um jeito. Se eu lhe deixo sair para voltar às oito a senhora ainda é capaz de arrepender-se e eu tenho todo o empenho em servir a filha da Viuva Sales porque é uma ótima fregueza.
- Adélia - Diga-me... e eu... eu receberei a importância na mesma hora?

Sandra - É claro. Quando sair daqui já levará a importância. Eu estou autorizada por ela a efetuar o pagamento na mesma hora.

Adélia - Bem, então vamos cortá-las, Madame Sandra.

Sandra - Vamos sim. Sente-se aqui.

(CORTINA MUSICAL)

Caixeiro- As suas ordens, minha senhora. Queira desculpar a demora mas é tanta gente ao mesmo tempo que não se pôde atender a todos.

Adélia - Não tem importância. Eu desejava ver uma chatelene para o relógio do meu marido.

Caixeiro- Deseja um artigo fino ou um outro de menos custo? Temos uma variedade muito grande de chatelaines para todos os preços. Aqui mesmo nesta vitrine, a senhora pôde ver diversos tipos. Temos estas em prata, estas outras cromadas, temos também um outro tipo com medalha que eu vou trazer para a senhora ver.

Adélia - Não, não, não ha necessidade. Eu já tenho uma mais ou menos escolhida. Eu gostei de uma de ouro com uma fita de gorgorão preto que esteve exposta na vitrine ha uns dias atrás. Uma, parece que... de mil e quinhentos cruzeiros se não me engano.

Caixeiro- Ah, sim, sim. Já sei qual é. Uma que tem o feitio de um estribo?

Adélia - Exatamente. Foi a que mais chamou a atenção do meu marido e como o presente é para ele eu quero levar a que ele gostou.

Caixeiro- É claro. E ele teve muito bom gosto porque ela é realmente muito linda. (Pausa) Aqui está. Veja que trabalho formidável. O ouro é todo lavrado.

Adélia - É muito bonita, sim. E mil e quinhentos cruzeiros é o último preço que o senhor pôde me fazer?

Caixeiro- É, sim senhora. E vou lhe dizer mais: ela ainda está por esse preço porque foi um dos poucos artigos que não foi remercado. Mil e quinhentos cruzeiros ainda é o preço antigo. Hoje a senhora sabe que o ouro vale muito mais. Se nós recebêssemos agora não poderíamos vender uma chatelene dessas por menos de tres mil ou tres mil e quinhentos cruzeiros.

Adélia - Está muito bem, então eu vou ficar com ela.

Caixeiro- Quer que embrulhe para presente?

Adélia - Sim senhor. É obsequio. E se o senhor me conseguisse uma caixinha eu ainda ficaria mais satisfeito.

Caixeiro- Sim, sim, vamos botar numa caixinha, com uma etiqueta da casa, tudo direitinho. Quer que mande levar em casa?

Adélia - Não, não ha necessidade. Eu mesma levo. Ponho dentro da bolsa.

Caixeiro- Tenha a bondade então de pagar na caixa, sim minha senhora?

Adélia - Pois não.

Caixeiro- (para longe) Dona Almerinda! Receba dessa senhora mil e quinhentos cruzeiros.

(CORTINA MUSICAL)

Luiza - Adélia!... Cortaste o cabelo?!...

Adélia - Sim. O que é que tu achas? Estou muito mal?

Luiza - Estás ótima! Ficaste com o aspecto de uma menina de dezesseis anos.

Adélia - Mas não achas que mudei muito, que estou até com a fisionomia diferente?

Luiza - Não, acho apenas que remoçaste mas isto só te traz vantagem.

Adélia - Eu estou tão nervosa que tu nem imaginas!

Luiza - Mas nervosa por que?

Adélia - Tenho receio que o Ewaldo não goste.

Luiza - Óra, deixa de ser bôba. Não vai gostar por que? Se estás ótima! Vou te dizer mais: se ele não gostar eu serei obrigada a classificá-lo na categoria dos idiôtas. Mas quando foi que fizeste essa violencia?

Adélia - Hoje. Faz poucos momentos que voltei da cabelereira. Se tivesses vindo um pouco mais cedo nem terias me encontrado em casa.

Luiza - E as compras, fizeste? O que compraste para o teu marido?

Adélia - Uma chatelene de ouro. Não te mostro para não desfazer o pacote.

Luiza - Ah não vale a pena. Eu verei depois, com certeza. Mas como é? Eu vim até cá para saber se vocês vão ou não vão à ceia do Club.

Adélia - Não sei, Luiza, o Ewaldo até agora não chegou do serviço. Se ele não vier muito cansado com certeza iremos.

Luiza - Deixa de ser mentirosa que eu já estou sentindo que vocês não vão.

Adélia - Não, não, não sei nada. Tudo depende de como ele chegar.

Luiza - Tu tens que ir, Adélia, mesmo porque o Fabricio já mandou reservar uma mesa com oito lugares e se vocês não forem nós na última hora não vamos arranjar quem os substitua.

Adélia - Nós faremos empenho de ir, estejas descansada.

Luiza - Isso até é uma necessidade para vocês. É uma vida estúpida essa que vocês levam. Onde é que se viu duas criaturas se meterem dentro de casa o ano inteiro sem ir a um cinema, uma festa, um passeio, coisa nenhuma? Vocês acabam como bichos. Dentro de pouco tempo nem sabem mais conversar. Tu pensas que não faz falta um pouco de sociedade? Faz.

Adélia - Eu sei que faz, ~~mas~~ Luiza, e por mim eu iria sempre mas a questão é que não é justo o Ewaldo chegar cansadíssimo do trabalho e eu ainda obrigá-lo a vestir um smoking para me levar a uma festa. Depois de um dia inteiro de trabalho exaustivo o homem chega em casa suspirando pelo pijama e pelos chinelos.

Luiza - Vem cá. Tu pensas que é só o teu marido que trabalha? Os nossos não trabalham também? É claro que sim. E eles não chegam em casa não trocam de roupa e não vão para as festas? Vão. E por que motivo o teu não pôde fazer o mesmo? Porque é egoista e só pensa no seu bem estar.

Adélia - Não digas assim, Luiza. Chamar o Ewaldo de egoista só uma pessoa que não o conheça. Ewaldo é a creatura mais desprendida que ha no mundo.

Luiza - Pois não parece. Ou então tu é que és uma grandíssima bobalhona e por que ele vem do trabalho um pouco fatigado, como todos aliás, ficas com pena de pedir que ele te leve aqui ou ali.

Adélia - Justamente. O caso é simplesmente este.

Luiza - Pois estás muito errada. A necessidade de distrair o espirito não é somente tua. É principalmente dele que passou o dia inteiro a lidar com cifras e mercadorias. Se ele vem do trabalho e não tem com que se distrair fica pensando no que fez, deita pensando no que tem que fazer e o seu sono não pôde ser um sono tranquilo, ao passo que divertindo-se desvia o pensamento do trabalho e dorme muito melhor. Experimenta uma vez e depois me diz.

- Adélia - Vamos a ver. Póde ser que se ele não chegar muito exotado...
- Luiza - (interrompendo-a) Olha Adélia, tu queres que eu te diga uma coisa? Eu sou uma trouxa, sabes? Estou perdendo o meu tempo e o meu latim. Tu e o teu marido são dois casos perdidos e como eu já sei que vocês não vão aparecer no Club vou te dar o meu abraço agora e vou disparando para casa que já são quasi oito horas e eu ainda tenho que tomar o meu banho e me preparar toda para estar às dez e meia lá. Que vocês tenham um feliz natal e o papai Noel te traga um bocadinho mais de senso para ver se tu mudas de orientação.
- Adélia - (rindo) Muito obrigada, Luiza. Que vocês tenham também um Natal muito feliz e muito alegre.
- Luiza - Dá um abraço também no Ewaldo e diz a ele que eu vou preparar um preleção para aplicar-lhe na primeira oportunidade.
- Adélia - Está muito bem, um abraço também ao teu marido. (Passos que se afastam) (Para longe) Divirtam-se bastante, aproveitem bem a noite e depois apareçam aqui para me contar tudo. (Oito badaladas espaçadas) Oito horas e o Ewaldo nada. Com certeza está terminando o serviço para não ter que voltar à noite. Enquanto isto vou botar a mesa para o nosso jantarsinho de Natal que a Luiza chegou justamente quando eu ia fazer. E depois, enquanto ele toma o banho, eu lhe preparo umas salsichas com ovos que é o que ele mais aprecia.

(CORTINA MUSICAL)

- Adélia - Oito e quinze e o Ewaldo nem sequer me avisou nada... eu já estou tão preocupada com a sua demora!... E o que dirá ele do meu cabelo, meu Deus?!... Será que vai gostar? Eu sinto até o coração bater descompassadamente quando me lembro do momento em que nos defrontarmos. Ele adorava as minhas tranças, é capaz de ficar triste, mas foi com tão boa intenção que as cortei. Deus ha de me ajudar que ele ha de compreender tudo. E a satisfação que ele vai ter quando vir a chatelene!... Ele nem sonha que o papai Noel lhe reservou um presente tão caro.
- Ewaldo - (longe, gritando) Adélia!... (assobio)
- Adélia - Ai meu Deus!... Está aí ele. Acalma-te coração. (gritando) Estou aqui, meu querido! (Passos que se aproximam) Valei-me, Teresinha!... Ajudai-me que ele não fique triste.
- Ewaldo - (aproximando-se) Adelia eu te trouxe um pre... (transição) Adélia!...
- Adélia - Não fiques triste comigo, sim querido? Achas que estou muito mal?
- Ewaldo - Adélia!... Os teus cabelos tão lindos!... O que fizeste deles?
- Adélia - Ouve-me, querido. Cortei-os, sabes? porque... porque eu queria te dar um presente de Natal. Não tinha dinheiro e então... vendi as minhas tranças. Estou muito diferente, estou? Tu achas que vais gostar menos de mim agora?
- Ewaldo - Não, minha querida, não gostarei menos de ti por isto. Apenas fiquei triste porque gostava muito deles e... vê o presente de Natal que eu te trouxe!
- Adélia - (depois de uma pausa onde houve ruído de desembulhar papel de seda) As travessas de tartaruga enrustadas de aguasmarinhas!... São maravilhosas, Ewaldo!... Deslumbrantes!...
- Ewaldo - Eram para adornar os teus lindo cabelos!... Agora não poderás usá-las.
- Adélia - Não faz mal, meu querido, não fiques triste por isso. Eu as guardarei com todo o carinho para usá-las um dia... quando os cabelos crescerem. E agora vê o que eu escolhi para ti, meu amor. (Pausa) Acho que vais gostar muitissimo.
- Ewaldo - (após uma pausa - ruído de papel de seda) A chatelene de ouro!...
- Adélia - Justamente a que tu gostaste, meu querido. É para usares no teu festôgio.

Ewaldo - Adélia... eu vendi o meu relógio para comprar-te as travessas de tartaruga.

Adélia - (decepcionada) Vendeste o teu relógio, Ewaldo?!...

Ewaldo - (após uma pausa) Mas não fiques triste não, querida. Eu guardarei a chatelene até que possa comprar outro relógio.

Adélia - O papai Noel pregou-nos uma boa peça! (Ele começa a rir com vontade e ela momentos depois começa a rir também.)

Ewaldo - As travessas de tartaruga para os cabelos que já não possues. (segue rindo)

Adélia - E a chatelene de ouro para o relógio que tu vendeste! (Ri ainda um pouco)
(Começa a ouvir-se, ao longe os sinos repicando festivamente e um câro cantando Noite de Paz).

Ewaldo - Foi realmente uma grande peça que papai Noel nos pregou!...

Adélia - E que peça!...

Ewaldo - Mas não faz mal. ~~Sendo felizes e isto nos basta. A felicidade é o presente mais lindo que a vida nos pôde dar. Vamos receber a que estamos sentindo como um presente de Natal.~~

(Sobe o câro e os sinos badalam mais forte por alguns momentos)

SPEAKER - (Faz o encerramento de acôrdo com a fórmula da Pantaco)

(CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO PROGRAMA)

A felicidade é o mais lindo presente que a vida nos pôde dar! E nós somos felizes. Isto nos basta. Encaremos essa felicidade como um belo e maravilhoso presente de Natal!...